

Ângela Belfort e a brincadeira do mato

Marcondes Lima

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – Recife



Ângela Belfort e cabeça esculpida por Mestre Boca-Rica (2014). Foto de Marcondes Lima.



Ângela Belfort em meio a dois bonecos gigantes em um desfile em Nova Friburgo (1989). Fotógrafo não identificado.



Desfile do Bloco O Come-Cru - Carnaval de Olinda (1989). Bloco organizado por Ângela Belfort. Foto do acervo da família Belfort.

Resumo: Traços biográficos da pernambucana Maria Ângela Belfort de Araújo são delineados com foco em aspectos pertinentes ao Teatro de Bonecos tradicional do Nordeste brasileiro. Em sua trajetória artística, destacam-se trabalhos como bonequeira, atriz, dramaturga e encenadora. Atuante no universo do Teatro de Bonecos brasileiro, também tem forte atuação como pedagoga, professora de Ensino Superior e estudiosa do mamulengo. Esteve à frente da Associação Pernambucana de Teatro de Bonecos e da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, onde lutou pela visibilidade, reconhecimento e valorização da arte dos mestres mamulengueiros.

Palavras-chave: Teatro de Bonecos em Pernambuco. Mamulengo. Ângela Belfort.

Abstract: This article is a biographical feature of Maria Ângela Belfort de Araújo, born in the State of Pernambuco, focusing pertinent aspects concerning the traditional puppet theater in Brasil's Northeast. Maria Ângela Belfort's work as a puppeteer, actress, playwright and stage director stands out in her artistic journey. Active in the Brazilian universe of puppet theater, she also has a strong performance as a pedagogue, is a university teacher, and is a mamulengo expert. Belfort has been President of the Associação Pernambucana de Teatro de Bonecos as well as of the Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, where she fought for visibility, acknowledgement and recognition of the mamulengo masters' value.

Keywords: Puppet Theater in the State of Pernambuco. Mamulengo. Ângela Belfort.

Aos dez anos, decidiu fugir de casa, profundamente desgostosa com as diabruras impunes de um irmão que destruiu seu ioiô (logo o dela, que era conhecida na vizinhança como invencível no brinquedo) e ainda lhe garantiu reprimendas maternas e paternas. Tomou coragem e foi falar com o gerente do Circo Garcia

que estava com lona armada em Belo Jardim, cidade onde então morava. Queria ir embora com a trupe. Olhando para a “menina jeitosinha e bonitinha”, o homem aceitou a proposta e lhe avisou que estariam partindo no dia seguinte. Ele nem imaginava que a criatura fosse filha de um delegado. Ela preparou suas coisas e, para não levantar suspeitas, foi à escola como todos os dias. Chegando lá, a diretora anunciou que não haveria aula, pois o governador do Estado tinha morrido. A gurizada voltou feliz para casa, gritando pelas ruas: “Agamenon Magalhães morreu! Agamenon morreu!”. Quando a menina chegou em casa, já encontrou um caminhão recolhendo a mobília. Perguntou ao pai o que significava aquilo. A explicação foi uma só: “Agamenon morreu, vão transferir todos os delegados, e eu saio daqui antes que me mandem embora. Não vou dar esse gosto a ninguém”. Seu plano de fuga acabou assim, sendo frustrado por um político defunto.

Maria Ângela Belfort de Araújo nasceu em 1942. O pai era um baiano, escorraçado de suas terras pelas ameaças do rei do cangaço. A mãe, pernambucana, vinha da linhagem dos senhores de engenho. Por conta da profissão do pai, toda sua infância foi de nômade. Começou a ver o mundo em cima de um caminhão, zanzando de uma cidade para outra do interior pernambucano. Para ela, tudo isso lhe reservou muitos tesouros na memória e uma rica experiência de vida.

Como tinha adoração pela filha e gostava muito da sua companhia, o homem levava a menina para a delegacia. Gargalhando, Ângela diz que “dava expediente com ele”. Como uma boa contadora de causos, a bonequeira descreve com detalhes aquilo que muitas vezes testemunhou com seus olhos de criança curiosa e arteira. “Os mamulengueiros, para fazer apresentações, tinham que mostrar os bonecos na delegacia e pagar uma licença. Se tivesse alguma figura ou passagem com conteúdo obsceno, era censurado.” Felizmente, apesar de ainda passarem por muitos percalços, esses artistas não são mais submetidos a esse tipo de controle.

As situações e falas que ela reporta não divergem daquelas

apresentadas pelos mestres mamulengueiros em suas “funções”. São clássicas na “brincadeira” dos bonecos as cenas em que figuras representativas dos poderes instituídos como os cabos de polícia, delegados, padres e patrões são ridicularizadas. Grande admiradora da autenticidade e do espírito criativo desses artistas, Ângela continua a puxar pelo fio da memória e vai reforçando a ideia de como é tênue o limite entre vida e a representação para esses bonequeiros. O delegado dizia: “Fale aí as pornografias que vão dizer”. E, com o boneco na mão, o mamulengueiro dizia: “Falo isso, mais isso...”. Ao ouvir certas expressões tomadas como indecorosas, seu pai reagia: “Não fale isso, não. Não está vendo a menina?!”. Ao que o bonequeiro respondia: “Mas foi o senhor que mandou...”. O delegado retrucava: “Mas você não está respeitando a menina. Pare, pare, pare!”. E o mestre do brinquedo emendava: “Não sou eu que estou falando, não, seu Cabo. É o boneco...”. Essa esperteza, segundo Ângela, sempre desarmava seu pai, que, no entanto, nunca autorizava os artistas a fazerem apresentações nas ruas principais e com muito movimento. Eles eram mandados para as pontas de rua – as zonas de meretrício –, onde nada do que era dito ou mostrado ofendia a moral e os bons costumes. Nem rendia ao artista uma boa arrecadação de dinheiro.

Era uma “menina de família”. Por isso mesmo, não podia participar dessas “coisas de gatinha”. Mas ficava encantada com tudo aquilo. Como diz: “Naquele tempo, quem fazia mamulengo era muito perseguido”. Numa demonstração da matreirice que ainda existe em seu espírito, entre gargalhadas, descreve as artimanhas que urdia para convencer o pai. Chegando em casa, ela tratava de cortar os cabelos do delegado, aparar unhas e fazer cafuné. Quando ele estava bem derretido, manhosa, pedia: “Agora, eu quero ir pro mamulengo”. Quando o pai dizia não, ela caía num choro tão desesperado que o fazia concordar em levá-la. Mas ficavam bem distante da tenda dos bonequeiros, no fundo, depois de todos os espectadores. Ângela queria ver, pegar nos bonecos, mas ele não deixava. Por esse motivo, invariavelmente, saía frustrada depois das apresentações.

Chegando em casa, armava-se de espigas de milho, arrancava a cabeça plástica de suas bonecas e improvisava o brinquedo. Não dispunha de muitos recursos e seguia pelo mesmo caminho dos mamulengueiros em seus percursos formativos. Procurava imitar como podia os jogos teatrais dos mestres a que conseguia assistir. Incluía neles até a música, tocando um realejo. Fazia seu próprio mamulengo para os meninos da rua e cobrava um tostão de cada um. Quando o pai retornava fora de hora e a pegava fazendo isso, era motivo para tomar uma surra. “Vida de filha de delegado não era coisa fácil...” Ela engata mais uma gargalhada gostosa e outra conexão. Já adulta e andando pelos rincões do Ceará, encontrou bonequeiros que faziam da mesma forma que ela: usavam cabeças de brinquedos industrializados para compor as feições de algumas figuras. Também tiravam do realejo os efeitos sonoros e musicais para o acompanhamento das cenas.

Somente quando ingressou no Ginásio, no ensino normal, fazendo o chamado “pedagógico” numa instituição mantida por freiras, é que aprendeu a trabalhar com papel machê. A partir de então, “pegou gosto” por fazer bonecos com esse material. Usava-os em apresentações na escola, em aulas de catecismo, e os padres deixavam. Muito espertos, eles não lhe pagavam nada. Mas cobravam ingressos dos alunos que a assistiam. Seu olhar memorialista e crítico, longe de guardar mágoas, extrai do episódio não mais que risos. Mesmo católica, imagino o quanto ela ainda deve se divertir com as passagens dos padres nas apresentações de mamulengo. Na forma tradicional do brinquedo popular, as figuras clericais são devidamente punidas por seus deslizes amorais, seja com bordoadas, seja sendo aniquiladas por cobras que as levam direto aos “quintos dos infernos”. Um ato de justiça simbólico, num tipo de representação que é considerada por Marco Camarotti como sendo um verdadeiro drama social¹.

¹ Para entender as ideias do estudioso pernambucano, que se ampara nos conceitos lançados por Victor Turner, indicamos a leitura da obra de Camarotti (2001) *Resistência e voz: o teatro do povo do Nordeste*.

Ângela, como muitos jovens, queria mudar o Brasil, espalhando ideias libertárias antes da ditadura militar. Aos dezoito anos de idade, ainda sendo aluna “do pedagógico”, foi professora locutora de educação a distância. O bispo de Caruaru, parente do seu pai, lhe convidou para trabalhar junto ao Movimento de Educação de Base – MEB². O programa ia ao ar às 6h30 pela Rádio Cultura de Caruaru, na tentativa de alfabetizar “matutos” com consciência política. Quando não tinha aula, seguia pelos matos, com outros integrantes do MEB, visitando escolas para ver como o processo educacional estava em andamento. Encontravam os matutos com medo dos comunistas. Distribuía cartilhas, rádios e antenas nas casas. Diverte-se ao dizer que tem de “cem a cento e cinquenta afilhados espalhados pelo mato”. É que, motivadas por sua influência e simpatia, muitas famílias a chamavam para ser madrinha dos filhos. Ela costumava atender a todos os convites. Também por conta dessa ação educativa do MEB, por várias vezes viajou ao Recife para participar das reuniões com o Movimento de Cultura Popular – MCP³. Lembra-se da alegria em participar dessas reuniões no Sítio da Trindade, junto com pessoas importantes como o educador Paulo Freire.

Aproveitando o canal disponibilizado pela Rádio Cultura de

² Na década de 1950, começaram a ser realizadas as primeiras experiências educacionais através do rádio por iniciativa de bispos do Rio Grande do Norte e Sergipe. Inspiravam-se na *Acción Cultural Popular de la Iglesia Católica de Colombia*. Em 1961, a Presidência da República, sob o comando de Jânio Quadros, formalizou a criação do MEB, em acordo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Utilizando emissões radiofônicas, o programa, bastante amplo, propunha levar educação de base a populações carentes nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País.

³ O MCP surgiu em 1960, no Recife, durante a gestão de Miguel Arraes como prefeito da cidade. Inspirado no modelo francês *Peuple et Culture*, com orientação política nitidamente de esquerda, o movimento buscava difundir manifestações da arte popular regional, promover a alfabetização de crianças, jovens e adultos e a conscientização política através da educação. Para isso, utilizava espetáculos em espaços públicos, manutenção de grupos artísticos, capacitação em artes, publicação de livros e cartilhas. O jovem pedagogo Paulo Freire encabeçava o programa de alfabetização e tinha ao seu lado intelectuais e artistas como Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, Luiz Mendonça, Francisco Brennand, entre outros. Ganhou dimensões nacionais por volta de 1962–63, sendo extinto em 1964 com o golpe militar (COELHO, 2012).

Caruaru, Ângela resolveu inserir no programa educativo um quadro humorístico para “aliviar a cabeça” de seu alunado. Foi quando criou os personagens Maria Loiceira e Zé do Barro que iam ao ar todo sábado. Daí vem uma de suas mais antigas lembranças sobre um fenômeno que também ocorre no mamulengo: o encantamento do público que, voluntariamente, opta por embaralhar o faz-de-conta e a vida, a ficção e a realidade. Causava espanto a Ângela os ouvintes escreverem cartas para um personagem por ela criado e encarnado.

A audiência crescia, e com seis meses de programa não só os seus alunos de alfabetização, mas toda Caruaru prestigiava sua iniciativa. Esse foi o motivo que levou o dono da emissora a lhe convidar para fazer um programa inteiramente seu. Nessa altura dos acontecimentos, em 1966, sua vida poderia ter tomado outro rumo. Mas, obediente, a jovem foi pedir ao pai o consentimento para essa realização. Ele a proibiu, dizendo que “filha minha não vai dar para puta”. Atrizes, jornalistas e radialistas ainda eram tomadas como prostitutas naquela época. Principalmente numa cidade do interior pernambucano. Teimosamente, Ângela continuou a fazer sua Maria Loiceira até se casar. E ainda guarda todas as peças radiofônicas que escreveu.

Quando casou, o marido tradicionalista – engenheiro que “só via concreto e cimento” – a proibiu de fazer muitas coisas, inclusive fantoches. Por oito anos, tempo que durou o relacionamento, ela só brincava com teatro de bonecos para entreter seus filhos. Depois de desquitada, passou a desferir o bordão: “Quem quiser casar comigo tem que me deixar brincar com mamulengo”. Foi já morando em Olinda, por volta de 1973, que começou a utilizar o Teatro de Bonecos como fonte alternativa de renda. Criou o Grupo Mamulengo, onde trabalhava inicialmente apenas com seus três filhos: Ângela Fernanda, Ana Cláudia e Eduardo Fernando. Intuitiva, não convivia ou trocava saberes com os bonequeiros da cidade. No final dos anos 1970 e início de 1980 é que passou a ter contato mais direto e constante com Madre Escobar (Armia Escobar Duarte), Carmosina Araújo e outros artistas locais. Nessa

época, também foi trabalhar com palhaçaria no Centro de Educação Comunitária e Social do Nordeste – CESCONE. Lá passou a fazer parte do elenco do Teatroneco, grupo da casa, atuando junto com Augusto Oliveira, Izabel Concessa, Alexina Crespo, Waldeck de Garanhuns, Manoel Carlos e Paulo Germano.

Com o Grupo Mamulengo, Ângela atuou entre 1975 e 1983. No conjunto de suas criações, destacam-se *Zeca e Muqueca no Reino de Sapeca* (1979) e *Tauá, um canto de liberdade* (1983), que cumpriram temporadas em teatros do Recife. Também realizou apresentações esporádicas de suas produções fora de casas de espetáculo, em espaços alternativos e circulando pelo interior do Estado, ocupando auditórios de rádios difusoras em cidades como Caruaru e Garanhuns.

A existência no Brasil de muitos grupos homônimos levou à decisão de mudar o nome de batismo do grupo. Após uma breve pausa, ele retomou suas atividades passando a ser chamado de Scenas. Uma das primeiras produções da companhia com a nova denominação foi o musical infantil *Reinações de um rei* (1987), escrito e dirigido por Ângela. Utilizando diferentes técnicas de manipulação, explorando a interação entre bonecos e atores, o espetáculo representou Pernambucano no *Bonecos Brasil 87 – Festival Internacional de Teatro de Bonecos*, realizado em Nova Friburgo/RJ. Também participou do *II Festival Nortel/Nordeste de Teatro de Bonecos*, realizado em Fortaleza no ano de 1988. Ambas as realizações da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB e seus núcleos locais.

As lembranças da artista refrescam as minhas, e me vejo, como jovem aderecista, trabalhando para um espetáculo do Scenas. Uma aventura cênica que foi além do universo do teatro de animação: a estreia nacional de *O homem e o cavalo* (1988), polêmico texto de Oswald de Andrade (1890–1954). A encenação foi assinada por Ricardo Bigi de Aquino, então professor da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Mas uma gargalhada de Ângela me faz voltar para *Reinações de um rei* que, por quatro anos, fez parte do

repertório do grupo, até 1990. As desventuras do autoritário Rei Reinaldo, que aprende o que significa democracia, com o Pinto Miudinho, depois de mil decepções, são capazes de revelar as orientações ideológicas que até hoje são tão caras para a bonequeira e pedagoga.

Em 1997, Ângela dirigiu e atuou no espetáculo *Torturas de um coração*. A obra de Ariano Suassuna (1927–2014) é um “entremez”, concebido originalmente para ser encenado com mamulengos. Inserida no seminal livro de Hermilo Borba Filho (1917–1976), *Fisionomia e espírito do mamulengo*, foi publicada pela primeira vez em 1966 e figura lado a lado com as transcrições da produção dramaturgica dos mestres mamulengueiros Januário de Oliveira e Manoel Amendoim. A estreia da produção do Scenas se deu dentro da programação da *I Mostra Pernambucana de Teatro de Bonecos*, ainda em 1997. Temporadas do mesmo espetáculo aconteceram nos anos de 1999, 2007, 2009 e 2011. Emocionada, num misto de orgulho e devoção, ela conta como o ilustre espectador e dramaturgo ria ao longo de uma das apresentações dessa montagem. O respeitável senhor, com quem não havia tido contato pessoal anterior, ria sem reservas e como uma criança. Em suas palavras: “Ariano gargalhava como se estivesse vendo pela primeira vez aquilo que ele mesmo criou”. Escutá-la falar sobre aquele que é um de seus mentores intelectuais dá a exata medida do impacto causado pela morte recente desse grande artista e pensador brasileiro sobre sua alma sensível.

Ela não me contou, mas numa apuração posterior descobri que o seu primeiro encontro com o texto de Ariano já havia ocorrido, em 1984, no Grupo Haja Pau, vinculado ao Departamento de Capacitação – DECAP – da Secretaria de Educação de Pernambuco. Da equipe de bonequeiros, também fizeram parte Izabel Concessa e Waldeck de Garanhuns. Trabalhou durante décadas como técnica do DECAP, repassando conhecimentos pedagógicos para professoras e professores de toda a rede de ensino estadual. Isso lhe deu mais uma oportunidade de percorrer o interior pernambucano,

revido localidades por onde passou na infância. Nos cursos e oficinas que oferecia, nunca deixou de inserir alguma atividade com bonecos. Nessa esfera de trabalho, sua competência como pedagoga era vista pelos superiores como algo maior e mais importante que a verve de artista bonequeira. Mesmo assim, não foi sem esforço que conquistou a publicação do seu livro *A auto-expressão através do jogo dramático* (1985). Ela não esconde que sentia certa pontada de preconceito nas muitas vezes em que se referiam a ela como “a mulher dos bonecos”.

Em 1986, Ângela atuava como presidente da Associação Pernambucana de Teatro de Bonecos – APTB, o núcleo da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB sediado no Recife. Também assumiu a frente da Comissão Nacional de Apoio e Incentivo ao Boneco Popular, protagonizando uma rica experiência pelo interior dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Sua missão era radiografar “[...] a verdade dolorosa da arte popular do mamulengo, bela e heróica na perseverança fanática de seus protagonistas” (VALLI, 1989, p. 5). A empreitada incluía nos seus objetivos: promover encontros entre mestres bonequeiros, realizar oficinas com eles em escolas públicas, estimular prefeituras e paróquias dos locais visitados a contratá-los para a realização de espetáculos, buscar patrocínio para apresentações em suas próprias comunidades, além de promover ações de intercâmbio entre artistas no Espaço Tiridá⁴, oferecendo assim uma alternativa de local apropriado para apresentações de mamulengueiros. Financiado pelo INACEN – Ministério da Cultura, o projeto foi realizado no período de agosto de 1986 a janeiro de 1987, conseguindo interagir com cerca de doze artistas que mantinham a forma tradicional do Teatro de Bonecos nordestino, chegando a mais de setenta prefeituras nos Estados por onde passou. Se Ângela nutria, desde

⁴ O Museu do Mamulengo – Espaço Tiridá, como também o Teatro Mamulengo Só-Riso, nasceu da proposição dos integrantes do Grupo Mamulengo Só-Riso. Inaugurado em 1994, é mantido pela Prefeitura de Olinda.

a infância, uma imensa admiração pelos mamulengueiros, essa intensa experiência a fez estreitar ainda mais os laços de afeto com esses artistas. Redobrou seu esforço na luta pelo reconhecimento e valorização dessa expressão cênica, tendo conseguido cadastrar e garantir, por um ano, o pagamento de apresentações mensais para trinta mamulengueiros dos Estados por ela visitados.

Ainda na função de diretora do Núcleo da ABTB no Recife, Ângela foi responsável pela organização e realização do *I Festival Norte-Nordeste de Teatro de Bonecos* em 1986. Mais de cem bonequeiros, vindos de dez Estados (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí, Pará, Roraima e Acre), participaram do evento que durou quatro dias. Eu era aluno do Curso de Licenciatura em Educação Artística (UFPE) e começava a me encantar pelo universo dos bonecos, dando os primeiros passos junto com o Grupo Mão Molenga Teatro de Bonecos. Lembro que foi mais que prazeroso testemunhar esse acontecimento ímpar. Foi instrutivo acompanhar o desfile com bonecos de todos os tipos pelas ruas centrais do Recife, ver espetáculos em teatros, escolas e praças públicas, além de participar dos debates como ouvinte. Um encontro festivo, feito por figuras abnegadas. Muitos dos artistas convidados aceitaram ficar na Escola Estadual João Barbalho, alojados em salas de aulas que foram transformadas em dormitórios. Uma adesão assim, tão altruísta, me parece difícil de ver hoje em dia.

A semente plantada pela ABTB e APTB, apesar do resultado positivo, não fez florescer na cena local um projeto de continuidade para um evento dessa natureza. Passados quase trinta anos, Recife viu acontecer somente mostras esporádicas de Teatro de Bonecos e em proporções bem mais reduzidas. Fora as edições do SESI Bonecos (2004, 2008 e 2012), com proposições e representatividade bastante diversas, também merecem destaque: a Mostra Pernambucana de Teatro de Bonecos (1997, 1999, 2007, 2009 e 2011), uma realização de Jorge Costa, genro de Ângela e atual presidente da APTB, e a Mostra Casa de Mamulengo, que desde 2009 tem sido anualmente realizada pelo SESC Casa Amarela.

Em 1987, a bonequeira foi eleita presidente da ABTB, desempenhando tal função até 1992. Realizou palestras sobre o mamulengo em festivais nos Estados Unidos da América, Japão e Inglaterra. Essa foi uma das principais bandeiras durante seu mandato: dar visibilidade a essa arte. Outro motivo de orgulho é ter realizado em sua gestão a última edição da *Revista Mamulengo*. Elas vão do nº 1 ao 14, mas pularam o nº 13 por superstição. Também faz questão de destacar a valiosa presença de Virgínia Valli como editora, o trabalho das jornalistas Ângela Fernanda Belfort (sua filha) e Ana Maria Nogueira, além da participação de João Jardim e Jorge Costa. Diz que tudo tem seu tempo, mas não esconde a tristeza de ter visto a publicação sair de circulação.

Como professora, atuando na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda e na Fundação de Ensino Superior de Olinda, dirigiu respectivamente os grupos Fachart e Expressarte. Ainda atuante em cursos de graduação, Ângela leva os bonecos para onde vai. Nunca deixando de pôr foco sobre o mamulengo, obteve o grau de mestre em 2001 no Curso de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal da Paraíba. Sua dissertação, intitulada *A Brincadeira Besta do Mato: o mamulengo no contexto sociocultural da Mata Norte de Pernambuco* (2001), traça o perfil de cinco mamulengueiros de gerações diferentes: Mestres Zé de Vina, Zé Lopes (ou Goiabinha, como prefere chamar), Zé da Banana, João Galego e Miro.

A visão que a bonequeira tem sobre essa forma de teatro não difere da maioria dos olhares de seus pares. Em sua opinião, desde que concluiu sua pesquisa até 2014, o risco de extinção que assombra essa manifestação cênica adquiriu notas mais graves, e muito pouco se fez para alterar essa realidade. Em sua opinião, isso se deve ao descaso, à falta de uma política de salvaguarda cultural contínua e eficiente, à inexistência de herdeiros desses artistas do povo que possam dar seguimento e manter o legado dos mestres mais antigos e que ainda se mantêm na ativa. Como ela mesma diz: “Os mamulengueiros bons estão morrendo, e a gente não vê substitutos aparecendo. É trabalhoso, exige dedicação, precisa-se

esculpir os bonecos, e nem todos possuem essa habilidade”.

Como lhe disse o Mestre Boca-Rica (1936–1991) há quase trinta anos: “O boneco não é mais a televisão do povo”. Hoje, nem a própria televisão é a mesma. Muita coisa mudou. Mas o amor de Ângela pelo Brinquedo do Mato não. Mesmo entristecendo-se diante da situação atual, sonoras e contagiantes gargalhadas não lhe faltam. Elas iluminam suas histórias.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Ângela Belfort de. *A Brincadeira Besta do Mato: o mamulengo no contexto sociocultural da Mata Norte de Pernambuco*. 2001. Dissertação de mestrado em Letras. Universidade Federal da Paraíba.
- BORBA FILHO, Hermilo. *Fisionomia e espírito do mamulengo*. Rio de Janeiro: MINC/INACEN, 1987.
- CAMAROTTI, Marco. *Resistência e voz: o teatro do povo do Nordeste*. Recife: UFPE, 2001.
- COELHO, Germano. *MCP: História do Movimento de Cultura Popular*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2012.
- LIMA, Marcondes. *A arte do brincador*. Recife: SESC, 2009.
- VALLI, Virgínia. S.O.S Mamulengo. In: *Mamulengo*. Nº 14. ABTB: Olinda, 1989.